



Gaiato



OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

24 DE ABRIL DE 1965
ANO XXII — N.º 551 — Preço 1\$00

REDAÇÃO E ADMINISTRAÇÃO: CASA DO GAIATO ★ PAÇO DE SOUSA
PROPRIEDADE DA OBRA DA RUA ★ DIRETOR E EDITOR: PADRE CARLOS

FUNDADOR: Padre Américo

VALES DO ORREIO PARA PAÇO DE SOUSA ★ AVENÇA ★ QUINZENÁRIO
COMPOSTO E IMPRESSO NAS ESCOLAS GRAFIL - DA CASA DO GAIATO

«Pedi a Meu Pai e Ele deu- Me os gentios por herança».

Por amor desta herança foi que o Filho assumiu a vida dos homens, para a dar, como Filho do Homem, por preço da Vida para os homens. E deu. E o Pai deu-Lhe a herança pedida: os pecadores.

Esta descida da Vida à vida, para que, morrendo esta, qual semente, pudesse renascer multiplicada e transubstanciada em Vida — a passagem de Cristo pelos homens, para a salvação dos homens — é a Páscoa que nós comemoramos, a Páscoa do Seu amor por nós.

Cumpra-nos retribuir. Isto será a Páscoa do nosso amor por Ele. E amá-LO é amar quem Ele ama. Ambicionar a herança que Ele desejou. É segui-LO no pedido ao Pai do dom dos homens que O não seguem. É percorrer com Ele o itinerário da morte que conduz à Vida.

A nossa Páscoa é a passagem pela vida, conscientes do seu valor transitório, dispostos a perdê-la para ganhar a Vida em favor dos homens a quem Cristo ama, por quem Cristo passou, feito Cordeiro para a expiação dos pecados. Nós somos um entre estes homens. Ele é o Mestre. É o Caminho. É a Vida. O discípulo segue o Mestre.

PÁSCOA

Repisa-O se o Mestre coincide com o Caminho. Vive d'Ele se Ele é a fonte da Vida.

Por isso é falso o amor a Ele que não passe pelos irmãos — tal como pelos irmãos nos foi passado o Seu amor por nós. Por isso Ele o não aceita sem essa marca de autenticidade que lhe vem da sintonização do nosso com o Seu coração, de tal maneira que o nosso amor, é nosso mas o reflexo do Seu em nós.

Fala-se tanto em amor... Não há palavra mais profanada do que esta «de quatro letras apenas: menos uma do que a morte e mais uma do que a dor». E no entanto só é verdadeiro o amor enxertado pelo Amor. Só é fértil aquele que medeia entre a dor e a morte: a dor que nos desperta para o sentido da Vida que a morte contém.

Amar — é amar com Cristo quem Cristo ama. Cristo ama o Pai e ama os homens. Glorifica o Pai com a coroa dos homens que resgatou com a Sua vida.

A nossa Páscoa, a Páscoa do nosso amor por Ele, é acrescentar a coroa dos homens resgatados; é «completá-la» até à medida que a Sabedoria divina eternamente determinou.

A Páscoa do Seu amor por nós comemoramo-la... Agora importa viver até ao fim a Páscoa do nosso amor.

FESTAS

Este é o último eco deste ano. P.e Horácio disse da sua. D. Inês, de «Belém», da mesma sorte. Padres Acílio e Luis, decerto farão o mesmo. P.e Baptista é o mais caladinho, mas ainda assim sente razões felizes para desabafar: «Olha que as capas de Guimarães valeram este ano 4.500\$00. E as de Coimbra também. Eu sou o homem das capas. Ando ó trapo — vê a minha vida!» E os nossos Padres de Africa preparam-se para o próximo cacimbo.

Nós já dissemos e nada de substancial podemos acrescentar ao Graças a Deus com que rematámos.

Agora faltam o Coliseu, pela segunda vez. (É amanhã pela data deste jornal), e Setúbal e Lisboa e o Barreiro e Amarante. Viana foi esta semana. Embora eu escreva quinze dias antes, quero pensar que Viana, a nossa estreia deste ano, não há-de desdizer de todas as outras terras onde nos receberam de braços abertos e alegria sã e amiga que lhes levámos.

Júlio andava ainda alvoroçado com S. João da Madeira... Mas não, este ano não. E, João, alvitrou, assim como quem fala em abstracto: «No verão não seria mal em Espinho e na Figueira da Foz...» Ora, mal não seria, não senhor. Mas eu sei lá se a tropa o não vem cá buscar antes ainda da ida a Amarante...



Eis o Bernardo, do Calvário, mostrando as suas habilidades.

Por isso, as estâncias balneares, se fôrem, terão muito que esperar. Os meus pés ainda estão frios. Não apetece o mar.

Areias do Cavaco

Há dias, veio ter comigo um dos pequenos recém-chegados. Trazia lágrimas nos olhos e a voz cortada por soluços.

— «Quero ir para minha casa», disse-me ele, muito baixinho.

Quis saber o porquê das lágrimas e do seu querer.

— «Quero ir pró pé de minha mãe».

E não foi capaz de dar mais razões. Era a voz do sangue que ele estava a ouvir. Era a voz do sangue a clamar pelo lugar, donde o pequeno nunca deveria ter saído. O lugar natural dos filhos é junto das mães e dos pais.

Num instante, revivi a história do miúdo. Tem mais 6 irmãos. No lugar do pai figuram nomes diferentes. Não o conhecem. Tinha por escola a

rua. Ia comer, por esmola, a casa estranha. Quis ser nosso e veio.

Apeteceu-me chorar com ele. Chorar a desgraça daquela mãe. Chorar a sorte de tantos filhos que querem ser dos pais, e não os conhecem. E ficou conosco e será sempre nosso. Seremos a mãe que ele procura.

Senhor ajudai-nos a ser pai e mãe dos «filhos de ninguém».

— x —

Pessoa conhecida bate-nos à porta por causa de um pequeno. Traz carta de recomendação. nestes termos:

«Pessoa ainda nova teve a infelicidade de se deixar seduzir por um homem que lhe fez todas as promessas, que nunca cumpriu, tendo-a dei-

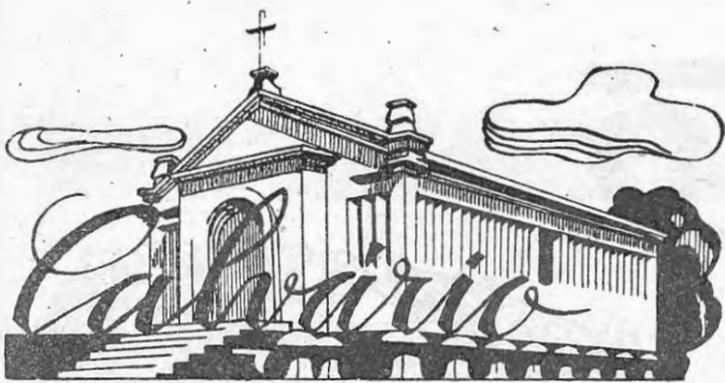
xado com dificuldades de toda a ordem e, ainda por cima, com 4 filhos».

E pede que os aceitemos em nossa Casa. Ora, parece-nos que o primeiro passo a dar

Continua na QUARTA página



Ai têm o regimento de Artilharia Ligeira... da Casa do Gaiato!



Eu já o amava tanto!

Eu era amigo dele, porque ele não tinha ninguém; porque era doente; porque me dava muitas lições, em seu sofrer paciente e alegre. Mas o Senhor roubou-o. Nunca senti tão forte o roubo de Deus. Mas todos somos d'Ele. Ele não rouba, que leva o que é Seu.

Partiu, e hoje é feliz na posse de Deus.

Pastor de ovelhas em terras de Trás-os-Montes, vivia quase só com o gado pelas serras. O pai morrera. A mãe abandonara-o, fugindo para a capital, onde se vende em vida indigna. Ele era, pois, sózinho. Guardava o rebanho e as ovelhas eram suas amigas. Um dia trepa a posto de alta tensão e cai. Fractura a coluna e fica imobilizado. É hospitalizado, mas a lei hospitalar despede-o e coloca-o aqui entre nós, que somos aldeia dos que não têm cura e mais ninguém quer. Vem de moderna unidade, onde ficaram apenas quatro enfermos e muitos leitos vazios. Vem marcado pelo peso do estorvo que era aos olhos de todos. Entre nós ganha ânimo ao ver que os demais doentes o acarinhavam e tratam como familiar. E a sua boca abre-se para nos dizer da viragem que se operara dentro da alma: «Agora já me apetece viver».

Estou a escrever em meio da Semana Santa.

O meu pensamento anda cheio da Paixão do Senhor, do Senhor presente nestes doentes, que aqui temos, alguns tão d'Ele imagem! Quando me leres, porém, já foi a Páscoa. Cristo ressuscitado é, sem dares por isso, talvez, a razão da tua alegria. Ora, venho dizer-te que Ele continua em Paixão nos que sofrem. Quer o contributo da de tantos para completar a Sua e assim remir o mundo de todos os tempos. Não damos fé, mas Ele está nos que passam fome, nos que têm sede, nos que andam mal agasalhados, nos que se encontram enfermos e até nos que são lançados nos cárceres por justiça ou por abrigo. Do comando da Polícia do Porto acabam de me informar que está no Aljube uma cancerosa sem ninguém, que encontraram na cidade e não sabem onde a colocar. Ela não está a cumprir pena merecida. Está em abrigo transitório.

Cristo sujeita-Se a tudo. Desce ao fundo dos cárceres para expiar as faltas de todos os séculos e os homens não atinam com Ele.

Eu bem quero ir buscá-la. Mas peço-te que me ajudes depois a cuidar dela no leito em que vou depô-la. A responsabilidade em amar os outros não é monopólio, nem tarefa de uns tantos, mas de todos nós.

Padre Baptista

Ordins é lugar pobre, de gente boa, amiga do trabalho, mas que precisa de quem a ajude.

— Então Sr. Acúrcio, já de manhãzinha agarrado ao serviço?

— É verdade, é verdade. A gente, mesmo a caminho da casa dos setenta, não tem remédio senão trabalhar. Como havíamos de ter a cêdea p'ra comer, a roupa e o calçado, como havíamos de amealhar uns tostões para as festas, para as doenças e fins de vida? Louvado seja o Senhor, que me deu este corpo com estas mãos.

— Enquanto tiver saúde e graça de Deus não é pobre, não se arreceia da vida, e até parece um jovem casadoiro! Não é, Senhor Acúrcio?

— Ai, meu Senhor, do que nós agora precisamos é da chuinha! Há tanto tempo já que ela não vem! As ervas quase se não vêem. Que vai ser do nosso gado, a maior riqueza que temos? Não será Deus a castigar-nos?

— Quem sabe! Mas antes talvez seja o Senhor a mostrar-nos o seu poder, em comparação com o nosso nada.

— Diz bem. A gente de hoje parece que nem pensa no Pai do Céu e, afinal, nenhum de nós pode passar sem Ele.

— É verdade, Senhor Acúrcio. Nós, perante Deus, somos mais



pobres que um mendigo: precisamos de Lhe pedir tudo; olhe que até a chuinha.

— Se calhar, porque ainda ninguém Lha pediu, é que o Senhor a não deu!

— E a sua filha Madalena?

— Anda p'raí, aos dias. Depois que ficou sem o homem, até parece fora do juízo. Ainda nova! Já me falou em ir servir. Que lhe hei-de fazer? Claro que não tenho mão nela; e com aquelas seis bocas grandes a pedir-lhe pão!

— Eles já são grandinhos?

— Pois sim, mas faltou-lhes o pai para os ensinar e educar. Nem sei o que lhes vai acontecer.

— E há vários casos parecidos com esse, pois há?

— Há, há! Pais que vão para a tropa, que vão para fora e deixam a família, raparigas que vão

servir, rapazes que, não vendo futuro no campo, fogem para a cidade, à procura de empregos... Sabe Deus como ficam os de cá, e como passam a estar os de lá!

— Ai, Senhor Acúrcio, há tanto que fazer, para o bem da nossa gente de campo! E bem o merece: simples como a terra, ainda é a melhor que há.

— Olhe que se nós tivéssemos fábricas por aqui, e houvesse mais cuidado em educar esta mocidade, principalmente a que deseja ir para fora, já estávamos no bom caminho.

— Exactamente. Mas nós já temos uma serração e a casa da obra de Ordins, não esqueça!

— Pois sim, graças a Deus, mas ainda é pouco.

— Senhor Acúrcio, logo vou encontrar-me com a sua filha, a ver o que se lhe pode arranjar.

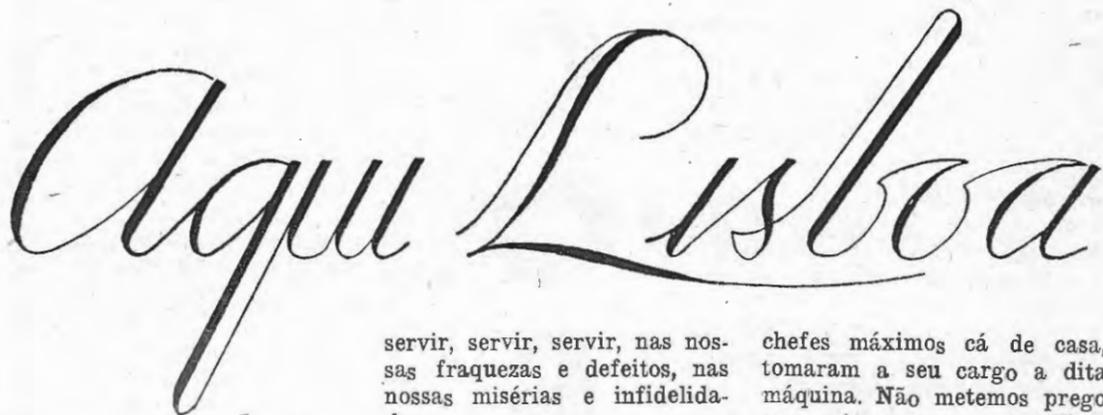
— Muito obrigado. Que o Senhor lhe pague.

Eis um quadro da nossa terra. Ordins é um entre tantos.

Amigo leitor, não te vou pedir esmola. Apenas chamo a tua atenção para o dever que tens a cumprir: aquilo que possuis e que te não faz falta, não é teu, mas do irmão. Reparte-o pois com ele, praticando as obras de misericórdia, tanto corporais como espirituais.

Assim, mas só assim, praticas o Evangelho.

Padre Vieira



servir, servir, servir, nas nossas fraquezas e defeitos, nas nossas misérias e infidelidades.

— x —

As obras continuam. A placa do primeiro andar das escolas está pronta e as paredes sobem firmemente. O Senhor sabe quantas esperanças vemos nesta arrancada. É o vislumbrar do tempo em que, no Tojal, teremos ocasião de pôr a render plenamente a pedagogia de Pai Américo. Nas condições materiais dos edifícios está também algo que condiciona um trabalho sério e eficaz. Associa-te. Muitos dos nossos Rapazes são outros crucificados pelos nossos pecados e egoísmos, o Cristo da nossa época. Eles têm direito também à Ressurreição.

— x —

Nas nossas Casas há quadros de uma beleza indescritível, que só uma alma de Poeta, como era a de Pai Américo, poderia comunicar-vos. Daremos, em ligeiros borrões, dois acontecimentos que sugeriram o acima dito. O primeiro refere-se ao nascimento dos primeiros pintos de um conjunto de ovos colocados na nossa chocadeira, recentemente adquirida. Chico «Serpa» e Manuel «Carpinteiro», rapazes de 18 e 19 anos, os

chefes máximos cá de casa, tomaram a seu cargo a dita máquina. Não metemos prego nem estopa no assunto. Vivemos à distância, aparentemente desinteressados, o desenrolar dos acontecimentos. Vimos gosto e achamos diligência nas operações. Eis que, um dia destes, à noite, sentimos os nossos Rapazes subindo apressadamente as escadarias em direcção ao nosso escritório, gritando entusiasticamente, abrindo a porta do nosso quarto de trabalho a exclamar do fundo da alma: «Aleluia, aleluia, temos pintos!» E por um pouco a casa não caía...

O segundo quadro conta-se em menos palavras. O Rui Zé e o seu ajudante «Banana» tomaram a seu cargo o leitão mais fraquito de uma ninhada. Esta manhã, ao darmos uma volta pela quinta, depara-se-nos esta cena, de um colorido inesperado: uma chupeta das vulgares, na boca do jovem porcino, mergulhada na game-la onde se encontrava farinha com leite em pó. E o «Sebastião» sorvia, como que a mamar na teta da respectiva mãe...

Ora digam lá se temos ou não razão! Tudo isto nos aju-



LUISA TODY

SETUBAL

28 de Abril

Às 21,30 h.

BILHETES À VENDA: Lar do Gaiato, Av. Luisa Tody, 38 — tel. 24620. Na Papelaria Campos, Largo da Misericórdia e nas bilheteiras do Cine-Teatro.



TRIBUNA de Coimbra

Cristo continua humilhado e crucificado nos irmãos. Não na sua imagem morta na cruz, mas vivo e real como na primeira Semana Santa.

Encontrei-O há dias bem crucificado no Manuel de Mirandela. Um engenheiro amigo tinha-me recomendado, não fosse ele morrer sem o conforto espiritual da Igreja. Fui ao seu encontro. A barraca é a uma hora de Coimbra. Fui a pé para saborear melhor os passos dos Pobres. No caminho visitei o entrêvadinho sinaleiro do Almegue e mais adiante uma Senhora chamou e deu-me trezentos escudos. Continuei e fui dialogando com o Senhor; o Senhor que vive assim abandonado e escondido aqui e além em barracas miseráveis. Depois de muito perguntar fui também perguntar ao Manuel, que na altura ajudava a mulher a transportar uns restos de madeira velha para o lume.

Entrámos na barraca. À volta havia flores, hortaliça e javas, tudo com gosto e bem aproveitado. A barraca estava nua; telha vã e chão de lama, pois na vés-

pera o vento levava as telhas e a chuva molhara tudo. Dentro, quatro amores de criança dos seis anos aos poucos meses, uma delas muito doentinha. Com minhas mãos pecadoras peguei na pobre roupa das duas camas; ao lado havia um divã vazio por falta de roupa. Com meus olhos pecadores percorri todo o interior e senti o frio de tudo. Com meus lábios pecadores beijei os filhos do Manuel e disse palavras bonitas de conforto. Com meus ouvidos pecadores ouvi a história do Manuel:

«Partiu de Mirandela com os pais à procura de trabalho e foram ter às minas da Urgeiriça. Ali trabalhou sete anos num dos poços das minas. Conheceu a rapariga com quem casou. Ela, vendendo tantos a mirrar dos pulmões e outros a ficarem soterrados, levou o Manuel a deixar aquele trabalho. Manuel deixou as minas e passados meses começou a sentir-se doente. Pouco depois queixou-se à medicina e aos responsáveis, mas já passava um ano e o direito à assistência patronal tinha caducado aos seis meses. Eis a história que Manuel me contou».

Manuel ficou sem pulmões e sem pão. Os pulmões ficaram no fundo do poço e no seu lugar ficou o pó, a silicose. A silicose e uma bronquite asmática aguda fizeram da juventude do Manuel um cadáver. O Manuel e a mulher choram a sua sorte e vivem de mão estendida aos benfeitores.

Deixei pão e esperança e regressi a Coimbra por caminhos diferentes. Encontrei mais barracas e numa delas uma velhinha a tossir dum bronco-pneumonia de dias antes. Regressi com a alma em sangue pela história do Manuel mais da mulher e filhos deles, mais de muitas histórias de muitos Maneis. Diante de meus olhos caminhavam imagens de muitas minas, muitos pulmões desfeitos, muitas vidas ceifadas e muitos patrões a encherem-se das riquezas feitas de pulmões e de vidas, muito desleixo na assistência patronal, muitas chagas feitas pela injustiça social.

Foi assim que encontrei Cristo a caminho do Calvário nesta Semana Santa de 1965.

Padre Horácio

da a esquecer as agruras da vida e amar estes «filhos de ninguém».

— x —

Festas. A de Lisboa aproxima-se. É já no dia 29, no Monumental. Os nossos Rapazes colaboraram nas do Porto, Aveiro e Coimbra. Em todos os lados casas cheias, como o

foram em Guimarães e Viseu, aqui por duas vezes. Que os nossos Amigos da Capital não nos deixem ficar mal. Olhem que temos dito maravilhas dos alfacinhas aos nossos Padres e Rapazes das outras Casas! O amor requer presença e nós queremos dialogar com Aqueles que nos querem bem.

Padre Luis

MONUMENTAL

DE LISBOA

29 de Abril

Às 18,30 h.

Bilhetes à venda: Na Secretaria de Montepio Geral—Ourivesaria 13, R. da Palma, 13 — Lar do Gaiato, R. dos Navegantes 34, r/c — Telef. 669451

Início esta, com o donativo de 100\$00, de Lisboa, de uma fervorosa adepta do Benfica, comemorando a vitória sobre o Real Madrid. Muito bem, minha senhora! Oxalá que o seu clube dê mais alegrias e se lembre de nós. E viva o Benfica!

Assinante de Rio Tinto, já muito conhecido, com 3 presenças de 100\$00. Um rádio, do Porto. Mais 26\$00, de Manuela. Viana do Castelo, onde a nossa festa vai ser, com certeza, um êxito, apresenta-se com 200\$00 mais 100\$00, «Para o mais pobre dos Pobres». Anónimo com 60\$00.

todas as nossas Casas. De Lourenço Marques, 1.500\$00. Selos de Ponte do Sor. Pessoa amiga residente em Quelimane, com 100\$00. Donativos vários entregues no Lar do Porto. Aveiro com 50\$. Eduardo e Fernanda, pelos bons resultados nos exames dos seus filhos, 13 libras. Mais da Invieta, 150\$00, 1.000\$00, 40\$00, 100\$00 e 50\$00. Da Princel, 50\$00 muito frequentes.

De uma professora primária, do Porto, 235\$00. Maria Helena com 100\$00. Severina com 50\$00. Barreiro com 70\$00. Um cheque de 500\$00 vindos de Tomar. 3.756\$00 de quem

de «O Comércio do Porto», 200\$00. E um cheque de 650\$ entregues a um vendedor: «Toma lá este bilhete e leva para Casa». Com várias intenções, 200\$00. De Coimbra, um casal nosso amigo envia 400\$. Mais 70\$00 e 70\$00 da assinante 16264, com saudações amigas. Luisa com 20\$00. De alguém em França, envia-nos 10 francos do seu primeiro ordenado em terra francesa. «Em memória de um bom amigo», 200\$00. Portel com 50\$00.

Espinho, em cumprimento de uma promessa envia 500\$. Donativo de João Huet de

Do que nós necessitamos

Os 75\$00 em selos, que mensalmente nos vêm de Lisboa. Mais 60\$00, de uma subscrição feita entre os cobradores dos C. T. T. do Porto. Contamos com bons amigos entre este Pessoal trabalhador.

E cá temos um grupo dos silenciosos. Falam, mas não se mostram. Ajudam-nos, mas escondem-se. São de Coimbra, com 20\$00, Soure com 40\$00 mais 20\$00 e a Rua da Madalena com os 20\$00 de madeira e mais 70\$00. Que o Senhor os ajude.

Barrocal do Douro, com 300\$00. Viseu com 50\$. Duma Amiga da Obra, que todos os meses se apresenta, 200\$00 mais 1.000\$00. Foz do Douro com 50\$00 por duas vezes. De Cardigos, 100\$00. Promessa, do Porto, com 1.402\$50. Mais de Rio Tinto, de uma graça recebida, 205\$00. Em sufrágio da alma de José Queiroz, 50\$. E outra promessa que nos trouxe 3.600\$00. Do Porto, 100\$00. Alzira de Aveiro, com 100\$00. De Anónima, a residir em França, 20\$00. Covilhã com dois pares de óculos de sol. 500\$00 de Leiria. 3 presenças mensais da Avó de Moscavide, de 25\$00, mais 25\$00 e 50\$00.

«Amargurada pelo dia 22» com 50\$00 de 4 meses. 232\$50 de um anónimo. Mais 500\$00 de alguém. Roupas de bebé, de Lisboa. Mais delas do Entroncamento. Retalhos de flanela de Lisboa-2. Atendendo um pedido feito há tempos para os nossos cozinheiros, 3 facas de Lisboa. Dum grupo do pessoal da firma Augusto Guimarães & Irmão, 50\$00. Porto com 50\$00. Metade do 1.º ordenado do filho de um dos sócios dos Armazéns Meio Dia, do Porto, 1.850\$00. E o cartãozinho tão simples e evocativo «Por Alma d'Aquela que eu tanto amei, para a Obra que Ela tanto amava», presente com 500\$00.

Mais vestuários de Urros, Aveiro, Marinha Grande, Lisboa e Porto. 40\$00 de Lisboa. De Gaia, 100\$00. Uma professora primária com 60\$00. Da Casa Orey Antunes, 50\$00. Da Praça de Damão, um cheque de 5.500\$00 a repartir por

nos visitou. Isaura com 200\$. Pessoal do Grémio dos Industriais de Panificação do Porto, 182\$50. De um Sr. Comendador, 250\$00 de bilhetes devolvidos, quando da nossa festa em Guimarães. Mais um pacote de roupas de Ribeiro de Carvalho. Blusões de malha e fazenda, lindos, bons, executados com muito gosto, de Aveiro.

De Microfilmagem - Lisboa, medicamentos e roupas. Idem de criança de Canas de Senhorim. Mais delas de Lisboa, Porto, Chaves e Praia da Aguda. Da visita do grupo excursionista «Os Tarcísios do Porto», 102\$90. Por intermédio

Bacelar e Pessoal: 1.800\$00. Excursão de Guetim-Espinho, com 68\$70. Casal de visitantes entregou 1.243\$. De Newark, 2 dólares. E a perseverança sempre amiga de António, que desde há muito nos habituou com a sua presença para a viúva da «Nota da Quinzena» e para ajudar uma mãe a alimentar seu filho.

Para finalizar, gratos pelos votos de Páscoa feliz, que até nós chegaram nestes últimos dias. E retribuimos, desejando que o Senhor, a todos dê vida e saúde.

Bem hajam e até à próxima se Deus quiser.

Manuel Pinto



Uma imagem do casamento do Carlos Manuel Trindade, em Miranda do Corvo

COLISEU

25 de Abril

Às 18,30 h.

DO

PORTO

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda: dias úteis no Espelho da Moda, R. dos Clérigos, 54 e todos os dias nas bilheteiras do Coliseu do Porto.



VISADO PELA COMISSÃO DE CENSURA

PELAS CASAS DO GAIATO

BENGUELA

● *Casos do dia a dia:* — Os sábios de cá do sítio, (que não são poucos) diziam que a chuva acabava em Março! Mas, Abril continua com chuvas e trovoadas!

● *Cobras:* — No mês passado durante o dia choveu e à tardinha parou. Estávamos a comer, quando o nosso cozinheiro apareceu na porta do refeitório e diz: «menino, está ali uma cobra muito grande!» Ora, alguns foram com a disposição para a matar. Como a vítima tinha comido alguma coisa que a enchesse, foi fácil matá-la. Morreu, mas não a enterrámos logo, esperámos pela manhã para a medirmos.

Uns diziam que tinha um metro e meio, outros que passava de dois metros, outros não chegava a dois metros, etc. Um «monte» de medidas que foram ditas! No dia seguinte tirou-se-lhe a medida. Dois metros e quinze centímetros, era com ela cheia. Se tivesse a barriga vazia, talvez medisse mais!

Ora vejam os senhores: um bichinho destes, mesmo em frente da nossa Casa, atravessando o jardim, dirigindo-se para a mata mais próxima.

De cobras, não ficámos por aqui! Dias antes o Américo deixou-se ao Sr. Padre se à noite, no seu quarto, quando se ia a deitar, depara com uma pequena que rabiava com toda a força! Ele logo dá um salto da cama, e toca de a matar.

● *Porcos:* — Uma família teve filhos. E segundo nos informou o «Casaca», tratador dos ditos, teve de manhã, um à noite e outro morrera. A porca não tirou mais e ficou doente. Está sempre deitada, não dá o alimento aos filhos e nem lhe dá carinhos como as outras.

Ora o «Casaca», com pena, comunica à Senhora. Esta, também com pena, diz-lhe: «toma lá este leite e vai dá-lo aos porquinhos».

Passados dias, um desses quase orfãos, aleijou-se. Lá vem o mestre deles para lhe fazer curativo. Depois deste feito, ia levá-lo ao colo, mas fazia barulho. Pô-lo no chão e foi remédio santo. Calou-se e lá foi o recém-nascido atrás do seu tratador, como uma mãe com um filho!

● *O nosso casal:* — Américo e Olímpia, no dia 3 de Abril foram pela primeira vez pais. É um rapaz, grande e forte. Pesa quatro quilos e novecentas e cinquenta gramas. «É um atleta!», diz o Américo contente.

● *Páscoa:* — À hora que escrevo, ainda não chegou. Mas quando esta tarefa já terá passado. A nossa maior saíra nestes dias, é os ensaios para a dita. Não correm mal, pelo

contrário. Até estão a correr muito bem.

Quem sabe se atrás destes ensaios, virão outros com outro estilo? Este ano tem de ser! Leitores, precisamos da vossa ajuda, em especial a dos Srs. do Monumental. Estes vão-se preparando para nos dizer o «sim», que às vezes custa a desembuchar.

Vou terminar desejando a todos os leitores amigos que tenham passado uma Páscoa feliz. Obrigado pelo que nos destes e continuamos a pedir mais para a nossa Aldeia.

Até à próxima se Deus quiser.

João Evangelista

NOTA DA REDACÇÃO:

Só falta dizer que o «apelido» do autor desta crónica foi, até ao nascimento do bigodé, Cobra.

MIRANDA DO CORVO

Não tem sido pela falta de tempo que as nossas notícias não têm aparecido, mas sim, e só, pelo «não ter rales; deixa passar».

● *Sementeiras:* — Já vão a mais de metade as nossas sementeiras. As batatas estão quase todas semeadas e o milho também. Já só falta na terra do poço novo e na terra do gaiato que são ao fundo da quinta, e como são mais frescas têm de ficar para mais tarde.

● *Rolas:* — Agora são dez, todas na mesma gaiola ao pé da fonte. Seis foram-nos dadas pelo senhor Dr. Altino, nosso grande amigo. Só é pena que elas bebam os ovos. Será por terem fome? Não acreditamos, visto elas lá terem sempre que comer.

● *Abelhas:* — Já este ano saíram dois enxames novos, mas nós apanhámo-los visto terem saído das colmeias e poisado perto destas. Assim podemos contar com mais dois enxames. Para o ano que vem, teremos o doce trabalho de lhe tirarmos o mel.

FERNANDO

PAÇO DE SOUSA

● «Vintas» — É um rapazola com 18 anos. Oíço entre outras alcunhas, chamar-lhe «Parolo». Ao que parece, «Vinta» não se rala com isso.

Cine - Ginásio da CUF

Barreiro

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro.

30 DE ABRIL

Às 21,30 horas



TRANSPORTADO NOS AVIÕES DA T. A. P. PARA ANGOLA E MOÇAMBIQUE

Há dias sentiu-se mal... Quis ir tirar uma radiografia ao corpo todo. Interrogado sobre o mal que o afligia disse não ser nenhum. «Que a radiografia era para guardar!» Como não obteve autorização para tal, pediu: «ao menos deixem-me tirar meia radiografia!...»

«O teu mal é sono — disseram-lhe — tu não sofres de nada!»

«Bem... — disse ele — eu desejava visitar umas pessoas amigas!...»

Ora façam o favor de ver se o «Vinta» é, na realidade, o que lhe chamam: «Parolo!»

● O par Américo-Olimpia, que presentemente serve a Obra no nosso Ultramar, foi brindado com um menino que pesa nada menos que 4,950 kg!

Recebemos a notícia com inteira satisfação pois é mais um neto da Obra a juntar aos muitos que ela já tem.

Para o Américo e Olímpia, vão os nossos parabéns e fazemos votos para que a sua felicidade seja infinita.

● A nossa Tipografia foi reforçada com um extremo esmero que há muito desejávamos: Uma máquina Heidelberg plana!... É rápida e eficiente que se farta! Por hora faz cerca de 5 mil fintas! Isto é, 5 mil impressos.

Como ela não pode parar, senão perde a forma, lembro a todos os interessados em serviços tipográficos a necessidade que ela tem da vossa colaboração.

● O António Antunes regressou do Ultramar. Recebemo-lo com a alegria e satisfação com que recebemos todos os outros. Não houve festa. Mesmo assim, Antunes foi alvo de carinho por parte daqueles que ainda dele se lembravam.

Fausto Teixeira

Diário de um SOLDADO

São cinco horas da tarde. Um sol escaldante tem-me de calção e tronco nu. Em redor tudo é silêncio. Nada mais me rodeia que uma floresta de capim. A uns cinquenta metros está o acampamento. Mais à minha beira, grandes árvores, onde macacos de todos os tamanhos se divertem. Mesmo junto de mim passa um ribeirinho que vai desaguar não sei aonde. Lá ao longe, montes e serras. Eu, aqui sentado junto a uma árvore. Nos meus joelhos uma tábua faz de secretária.

Ouve-se um tiro. Clamores de alegria chegam aos meus ouvidos. Levanto-me; mas não consigo ver nada, que o arvoredo e o capim me tapam a visão. Subo a uma árvore e vejo dois que trazem algo aos ombros. É habitual: É uma gazela abatida. Já temos carne fresca para o jantar. Desço. Pego na tábua e continuo a escrever.

Há quase oito dias que aqui me encontro, com uma companhia que anda em exercícios. Tive que vir substituir um colega que se achou doente. Pela primeira vez sei o que é a vida de um soldado embrenhado no capim.

Penso na minha alegria e na que dou a quem sabe da minha renovação. Só ao Pai Celeste podemos agradecer. A Ele sim, porque foi por Seu intermédio que recuperei a minha Fé e a Vida. Sôzinho, nada podia. Foi Ele, com a Sua misericórdia, a Sua bondade, e o Seu amor por mim, que me ajudou e fez que regressasse ao Seu rebanho.

Nós, às vezes, levados pela cegueira de tudo que nos parece bom e é falso, separamo-nos do rebanho que O tem por Senhor. Mas o lobo está sempre atento a todas as nossas fraquezas e, quando vê que não corre perigo, ataca-nos e leva-nos.

Que Deus ilumine sempre o Caminho do Bem e nos não deixe desviar. Nem a Sua Graça nunca nos falte; nem nunca chegue a vergonha de O procurarmos, de O recebermos e de O guardarmos no nosso coração.

AREIAS DO CAVACO

seria a procura do pai. Ele é conhecido, embora nos documentos dos filhos figure como incógnito — o que é uma mentira oficialmente admitida. Este seria o primeiro passo para solucionar eficazmente o problema. Apesar de tudo, continuamos a preferir o mais fácil. E não se procura o pai porque ainda não surgiu a Lei que a tal obrigue.

Multiplicam-se, deste modo, vítimas inocentes — os filhos de pai incógnito. As mães também são vítimas — «pessoa ainda nova teve a infelicidade de se deixar seduzir por um homem que lhe fez todas as promessas...». Até quando continuam impunes estes crimes? Entretanto, o mal avança. Continuamos com remédios que são paliativos, mas não curam. Não serão, antes, estímulo à propagação do mal? O remédio que cura tarda em aparecer. Onde o homem de governo corajoso que, com uma penada e uma lei severíssima ajude a tirar a nódoa dos documentos de tantos filhos — «pai incógnito»?

— x —

Aguarela feliz. A nossa vida é assim mesmo. É como o normal das famílias. Há nela mo-

Cont. da PRIMEIRA página

mentos de alegria e há-os também de tristeza. Uns e outros cheios da mesma verdade.

A ceia findou. Faz-se silêncio. Um magote deles, grandes e pequenos fazem roda, junto do gravador. Espectáculo inesperado. Palmas e mais palmas. Muito entusiasmo. Que aconteceu? O nosso Zé Maria, de seis anos incompletos, dança para o «público» que o rodeia. E fá-lo com tal desembaraço que é um regalo vê-lo.

Nestes momentos, vou antegozando a alegria que idos experimentar quando virdes o Zé Maria e os outros batati-

nhas, na vossa frente, numa das salas de espectáculo da nossa cidade.

— x —

Recebemos 100\$, em nossas mãos, de uma funcionária dos C. T. T., para a ajuda da compra de livros. Mais 500\$00, da Catumbela, de uma mãe aflita pela sorte da filha, a braços com grave operação cirúrgica. Não a esqueceremos. Recebemos regularmente o gal-soil da Fina, da Shell, da Texaco e da Sacor, mas não o da Mobil. Continuamos a ir pelo peixe onde no-lo têm dado. Um saco de farinha de peixe, para o nosso aviário, em formação, e promessa de mais. A Canada Dry tem sido incedível de simpatia. Os vendedores de «O Gaiato» são portadores, quinzenalmente, do carinho dos nossos leitores. 1.000\$00 de assinaturas.

Bem hajam.

Padre Manuel António

CINE - TEATRO

Amarante

Os bilhetes para a nossa festa estão à venda nas bilheteiras do Teatro.

5 DE MAIO

Às 21,30 horas